

A ‘marca’ da ressurreição de Jesus na História da Humanidade¹

JUAN AMBROSIO

Faculdade de Teologia (UCP) – Lisboa

Antes de começar o percurso gostaria de deixar algumas pequenas notas:

a) A minha reflexão não se centrará essencialmente no acontecimento da ressurreição. Claro que vou falar acerca da ressurreição, mas procurando encontrar e discernir a sua ‘marca’ na nossa história. O meu objectivo não é, pois, fazer uma reflexão sobre o em si da ressurreição, mas essencialmente sobre as suas consequências para o viver humano e, atrevo-me desde já a dizer, para o viver divino.

b) Não estranhem, também, que na minha reflexão não perda tempo a referir-me a coisas aparentemente tão evidentes como a maneira como nós contamos o tempo (AC e DC). Penso, que apesar da importância que esse dado revela, não passa por aí o mais importante e significativo da realidade

¹ Este trabalho quer ser testemunho da minha profunda estima, e mesmo amizade, pelo Professor Doutor Henrique de Noronha Galvão. Com ele comecei a dar os primeiros passos na reflexão cristológica (foi o meu professor de cristologia na licenciatura) e desde então essa reflexão tem sempre ocupado e **marcado** uma parte muito importante do meu trabalho. Não é aqui o espaço para dizer o que me vai no coração, fique simplesmente uma palavra explícita: obrigado. O resto guardarei para o segredo da oração e para a celebração da amizade.

que estamos a querer reflectir. Basta para isso termos consciência de que uma parte significativa da humanidade não conta o tempo assim e isso em nada quer significar que a ressurreição (segundo a nossa fé) não marque também a sua história. O que pretendo dizer com esta afirmação ficará mais claro ao longo das linhas que se seguem.

O meu percurso dividir-se-á em três pontos. No primeiro, e a partir duma reflexão mais antropológica, procurarei mostrar como a abertura à Transcendência, ao Mistério, faz parte integrante da condição humana, de tal maneira que a concretização desta abertura permite-me viver a existência assumindo todas as suas possibilidades. No segundo momento, procurarei reflectir como a abertura ao humano faz parte do projecto de Deus, ou dito de outra maneira, ainda que possa parecer atrevida, como a abertura ao humano faz parte da própria condição divina (isto na perspectiva cristã). No terceiro e último momento, e à maneira de conclusão, tratarei de tirar as consequências do percurso anteriormente percorrido. Todo este caminho tem como objectivo procurar ‘as marcas’ da ressurreição de Jesus na história da humanidade.

O Transcendente como horizonte do especificamente humano

Olhemos para algumas das experiências mais significativas do existir humano com o objectivo de perceber até onde elas nos podem levar. Na verdade, todo o ser humano tem o secreto desejo de alcançar a sua realização (felicidade/salvação), tem o secreto desejo de que chegado o ‘fim’ do percurso a valorização seja globalmente positiva e que o resultado tenha valido a pena.

A experiência da vida

Para o ser humano a vida não é simples biologia, simples ecologia, ou mesmo, simplesmente natural. Cada um de nós tem a absoluta necessidade de significar e simbolizar a existência. Podemos, sem receio, afirmar que para o ser humano não basta viver, uma vez que a sua vida para ser verdadeiramente assumida tem que ser significada e simbolizada. Surge aqui a

necessidade absoluta da procura do sentido e da consciência dessa procura do sentido.

Para os animais tudo se resume à procura de um equilíbrio entre o instinto e o meio envolvente. O instinto adapta-se ao meio na procura constante da preservação da espécie. Para os humanos esse equilíbrio não se manifesta simplesmente ao nível do ecológico, nem do biológico (do meramente natural), mas transcende esse patamar, colocando outro tipo de necessidades e impelindo a fazer outros caminhos. É a necessidade absoluta de entender e de se entender, de recriar a existência e o mundo que o rodeia e de recriar-se.

É neste contexto que se deve situar toda a reflexão sobre a dimensão cultural do ser humano. Com efeito, tudo o que é especificamente humano constitui a cultura, ou seja, implica interpretação, significação, simbolização.

Há, pois, um mais além ('plus'), uma dimensão de transcendência inerente ao ser humano. É neste movimento de transcender o meramente ecológico, biológico que se situa o horizonte do especificamente humano.

Percorrendo este caminho, podemos ir para além desta transcendência primeira, interrogando-nos pelo próprio sentido da transcendência, pelo significado deste mais além, deste 'plus'².

A experiência do tempo

Nos nossos dias parece que o tempo todo se resume ao presente. O que vemos é muita gente a viver simplesmente o momento presente, sem ter em conta o passado (tradição) e não se abrindo ao futuro. Mas quando tudo se resume ao momento presente, tudo já era...

Também na nossa vida porque, muitas vezes, tudo se resume ao momento presente, parece que o tempo corre mais depressa e que nós não temos tempo para nada. Mas a verdade é que para viver a vida o ser humano necessita de tempo, e de um tempo total. Ou seja:

- Precisa do presente, onde em cada momento concretiza a sua experiência vital.

² No que diz respeito a esta experiência remeto aqui para a interessante reflexão feita por Xavier PIKAZA, *El fenómeno religioso. Curso fundamental de religión*, Trotta, Madrid 1999, 21-72.

- Precisa do passado em cuja tradição vital ele se enraíza e a partir da qual ele aprende a interpretar, significar e simbolizar. Sem este ‘passado’ ele será sempre um desenraizado que acaba por não pertencer à tradição humana, que acaba por não ter acesso a todo o acervo que é a experiência vital da humanidade.
- Precisa do futuro, para o qual ele se abre e sobre o qual pode projectar a sua existência, interpretada, significada e simbolizada. Sem o futuro, sem este mais, este ‘plus’, o ser humano acaba por não ter perspectiva, por não ter sentido (orientação) para o caminhar. A significação e simbolização da vida humana (que permite que a vida seja verdadeiramente humana) implica e exige sempre um olhar global sobre a vida que abre o ser humano para o futuro, para uma meta que está mais além, e sem a qual ele, pura e simplesmente, corre o risco de deixar de caminhar.

Este mais além pode sempre levar-me à interrogação por um ‘plus’ último, por uma plenitude última e absoluta³.

A experiência da esperança

A esperança enquanto desejo de sentido e de plenitude é uma das experiências fundamentais do existir humano. Esperar implica sempre, por definição, uma atitude globalmente positiva em relação ao desenlace da vida.

O ser humano é um ser que se sente necessitado de finalização e de sentido e que, em última análise, não se conforma com a desordem e com o caos, tendendo para a beleza e para a bondade. Mas igualmente faz a experiência que por si só é difícil, ou mesmo, impossível alcançar a plenitude desse percurso.

Na verdade, o sem sentido e a morte, ao negar a esperança para o seu futuro ameaçam a vida na sua própria raiz. “Se a aniquilação fosse a última palavra que podemos proferir para dizer o fim da nossa existência, então o nada antecipar-se-ia ao nosso viver diário, vazando-o de sentido, por vazá-lo de um futuro absoluto”⁴.

³ Cf. a este propósito a reflexão de Lluís DUCH, *Antropología de la vida cotidiana*, Trotta, Madrid 2002, 129-131.

⁴ Olegario GONZÁLEZ DE CÁRDEDAL, *Cristología*, BAC, Madrid 2002, 156.

A experiência da alteridade

Falamos muito hoje acerca do direito do outro a ser diferente. Este é um caminho positivo a percorrer, mas devemos percorre-lo até às últimas consequências. Dizer que o outro tem direito a ser diferente é importante, mas isto é ainda estar centrado em mim mesmo. Ou seja, o outro tem direito a ser diferente de mim. Eu é que sou a medida e a norma, e porque sou a norma até admito que o outro possa ser diferente.

Penso que devemos arriscar e ir mais longe, afirmando que é por causa do outro ser diferente que eu posso ser eu. É nesta inter-relação com o outro diferente de mim que se constrói a identidade. Também aqui se manifesta este mais além este ‘plus’ de mim mesmo. A minha identidade pessoal, o meu mais nuclear, situa-se neste nível e a esta dimensão.

Fazendo este percurso, posso chegar à intuição e à experiência do outro absoluto:

“... eu posso experimentar a Deus experimentando-me como um tu de Deus quando me descubro «seu», ou seja quando sinto que «sou teu, tu-eu». Descubro a Deus não quando o descubro como um tu- a quem eu me dirijo – mas como um eu que se dirige a mim e de quem o meu ego é um tu. Eu sou então um tu de Deus (seu, «sou tu-eu»). A experiência de Deus é, então, a experiência do tu, do tu a quem Deus chama tu – que sou precisamente ‘eu’, o meu verdadeiro ego, o tu, um tu de Deus.

A experiência de Deus é tão pessoal porque cada um de nós não somos senão essa mesma experiência de Deus em mim, na qual eu me descubro, precisamente como o «tu» deste «eu» que me chama e chamando-me me faz ser...”⁵.

A experiência do amor

Esta experiência revela-nos também claramente a dimensão da transcendência como especificamente humana. No amor eu descentro-me de mim mesmo para centrar-me naquele que amo e assim poder realizar-me plenamente.

A afirmação do outro pelo amor nunca é posse, mas aceitação da sua identidade irreduzível e sagrada. Em certo sentido o ser humano é capaz de

⁵ Raimon PANIKAR, *Iconos del misterio. La experiencia de Dios*, Península, Barcelona 1998,123.

entender a sua própria morte, mas dificilmente pode compreender e aceitar a morte daqueles que verdadeiramente ama. Se pudesse dava a vida por eles, para que eles continuassem a viver.

Porque alguma vez fomos amados, a morte aparece-nos como desumana e violenta. Para quem não é amado a morte pode mesmo surgir como a redenção de uma vida que não é suportável porque não dignifica a condição humana. Para o ser humano a vida sem amor torna-se insuportável e sem sentido.

“O amor é, assim, uma antecipação do destino último do homem: a ressurreição. E se o amor é o supremo da vida, na sua plenitude antecipa-se já a existência ressuscitada. Onde Deus actua a última palavra não pertence à morte mas ao amor. Isso é o que significa a ressurreição”⁶.

A experiência da justiça

Muitas vezes ao fazermos o balanço da história humana, parece que chegamos à conclusão que essa mesma história é uma história de dor e de injustiça. De facto, o mundo está cheio de vítimas inocentes cuja vida ou é anulada, ou muitas vezes dificilmente alcança os patamares daquilo que consideramos humanamente aceitável e digno; e está igualmente cheio de culpados, cuja vida parece progredir num ambiente de riqueza cada vez maior. Perante este panorama surge a pergunta inevitável: será que a última palavra da história é uma palavra de injustiça?

A resposta não pode deixar de ser dada e não pode deixar de afirmar que a justiça é que tem de ser a última palavra. A afirmação da ressurreição de Jesus Cristo permite, de certo modo fundamentar, esta resposta:

“Deus vela pelo homem e pela justiça, mais além da aparência e do poder, da mentira e das ideologias. Desta forma o homem pode encontrar numa experiência antropológica fundamental, conexas com a paixão da justiça absoluta e perante o facto da injustiça real, não uma demonstração, mas sim um contacto com as afirmações cristãs sobre a ressurreição de Jesus Cristo”⁷

⁶ Olegrario GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, 157.

⁷ *Ibidem*, 158. O autor firma, no entanto, com toda a clareza que nenhuma reflexão prévia, nem nenhuma práxis histórica posterior pode demonstrar a verdadeira ressurreição de Cristo.

A experiência da inevitabilidade do simbólico

O ser humano verbaliza e conceptualiza tudo. O que faz e pensa é sempre traduzido em expressão, em linguagem. A este nível podemos falar da inevitabilidade do símbolo. É que o profundo da experiência humana não cabe já na mera palavra, no mero conceito, tendo a necessidade de ser simbolizado.

E o símbolo remete sempre para um mais, para um 'plus'. Posso utilizar uma palavra, uma coisa, mas quando ela é um símbolo aponta-me sempre para além de si mesmo.

O profundo do real (do real da história e do nosso próprio real) não se esgota no biológico, ou no que é simplesmente visto ou tocado. Por isso para expressar essa dimensão de profundidade eu necessito de uma linguagem capaz. Aqui surge o campo do simbólico. No fundo trata-se de através de realidades penúltimas tentar expressar a realidade última que constantemente intuímos no nosso viver e para a qual nos sentimos atraídos⁸.

Em última instância podemos mesmo afirmar que o ser humano é um símbolo por excelência, pois ao olhar e reflectir sobre o fundamental da sua existência, acaba por ser lançado para um mais, para um 'plus', no qual ele se sente plenamente realizado.

A experiência divina de abertura ao humano

Até aqui estivemos a fazer o caminho percorrendo o eixo antropológico, mas para tentar alcançar os objectivos que nos propusemos, temos de ter a coragem de percorrer também o eixo teológico. Senão o fizermos corremos o risco de ficar reduzidos à medida das simples necessidades humanas.

Apesar disso, temos a consciência que, mesmo ao percorrer este eixo, o fazemos a partir da nossa realidade e experiência humanas, na qual tentamos integrar aquilo que vamos sendo capazes de compreender acerca da revelação que Deus faz de si mesmo. Estamos novamente ao nível de um falar humano, mas de um falar humano que explicitamente agora quer atrever-se a falar sobre Deus.

⁸ Podemos encontrar uma interessante reflexão acerca do simbólico e da dimensão simbólica do ser humano em Lluís DUCH, *Antropología de la vida cotidiana*, 245-311.

A revelação

O que somos capazes de perceber em todo este caminho é que Deus se revela e nos quer dar a conhecer quem é e o que nos quer propor.

Um acontecimento bem significativo neste sentido é aquele que nos aparece descrito, no Antigo Testamento, no chamado episódio da Sarça Ardente (cf. Ex 3, 1-14). Moisés interpela Deus no sentido de que este revele a sua identidade para poder ser transmitida àqueles a quem vai ser enviado. Deus revela então o seu nome (mais do que um nome revela a possibilidade de ser evocado), ou seja começa a levantar o véu da sua identidade. E qual é a sua resposta? A frase é por todos conhecida: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3, 14). Há quem proponha como tradução “Eu sou aquele que é”, ou ainda “Eu sou aquele que serei para vós”.

Esta última tentativa de tradução pretende deixar claro aquilo que é a realidade do agir de Deus para a humanidade. É que Deus quer ser um Deus para o ser humano, ou dito de outra maneira, e pondo em prática o atrevimento de que falávamos, Deus já não quer ser sem o ser humano, já não quer ser sem esta relação com o ser humano.

Vemos, assim, como logo desde o princípio a nossa intuição, fundamentada na relação com Deus, nos leva a falar dele como alguém que se quer abrir à humanidade, como alguém que quer ser totalmente para nós. Parece, pois, que esta é a maneira típica de ser de Deus, digamos assim continuando na linha do atrevimento.

A criação

Ao olharmos para a criação podemos também chegar a conclusões semelhantes.

Porque é que Deus nos criou? Várias podem ser as respostas dadas a esta pergunta. As várias mitologias chegam a insinuar que os deuses criaram a humanidade para que esta fizesse o trabalho que não lhes agradava, ou que não achavam digno. Não é isso que encontramos nos textos da criação, nem no projecto que Deus nos vai revelando.

Também poderíamos ser levados a pensar que Deus nos criou para que lhe prestássemos culto e o glorificássemos. Também não é essa a perspectiva que podemos encontrar nos textos da criação e no projecto que Deus nos vai revelando.

Afinal de contas porque é que Deus nos criou, uma vez que em rigor não precisaria de o fazer? Não é por causa de nós lhe chamarmos Deus que ele é Deus.

Se olharmos com atenção para a chamada 1ª narrativa da criação (cf. Gen 1-2,4a) poderemos perceber uma série de estribilhos que aparecem ao longo de todo o texto. Um desses estribilhos afirma com vigor que Deus ia considerando bom aquilo que ia criando, mas só depois de criar o ser humano Deus afirma que a criação é muito boa.

É que essa era a sua intenção. O seu objectivo era criar o ser humano, tudo o resto foi criado por causa do ser humano e para o ser humano. Este é o culminar da criação e só depois dele toda a obra criada é considerada muito boa. Neste sentido, podemos afirmar que o mundo e a história do mundo se ganha ou se perde, na medida em que se ganhar ou perder o ser humano.

De todas as criaturas só o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Só ele, portanto, foi criado com a capacidade de ser divinizado. E para mim esse é o grande objectivo da criação. Quando me pergunto, pois, porque é que Deus nos criou, a resposta que prontamente me surge é a da pura gratuidade e amor. Deus criou-nos para nos fazer participar da sua vida.

Na linha do atrevimento podemos afirmar, que depois de nos ter criado Deus já não quer, nem pode ser mais sem nós. Por isso, ele se vai revelando ao ser humano em ordem a concretizar plenamente este seu projecto.

A história da salvação

A história da salvação, que para nós crentes coincide com a história da humanidade, passa por várias fases, mas em todas elas podemos encontrar a presença de Deus que se quer dar a conhecer e se quer fazer encontrado.

Se olharmos, por exemplo, para o povo de Israel, parece-nos estar na presença de um povo que, apesar de muitos desvios, continuamente procura a Deus. Contudo um olhar mais atento a esse percurso, acaba por nos revelar que esse povo procura a Deus, porque este constantemente se revela e se quer fazer encontrar. A história da salvação mais do que a história de um povo que procura a Deus é a história de um povo que é encontrado por Deus.

Digamos de outra maneira e já para começar a dar a entender de um modo explícito onde nos leva o caminho que estamos a percorrer. Na história da salvação acabamos por encontrar dois movimentos: Aquele que vai do ser humano a Deus e aquele que vai de Deus ao ser humano.

Claro que, para nós crentes, o movimento que leva o ser humano a Deus não é um movimento meramente fundamentado na reflexão e na inteligência - ainda que sem a reflexão e a inteligência ele não possa ser verdadeiramente humano, porque não pode ser verdadeiramente assumido - mas tem como fundamento o facto do próprio Mistério de Deus fazer parte constitutiva da condição humana.

Jesus Cristo

Ao olharmos para Jesus Cristo toda esta realidade se pode tornar ainda mais clara e compreensível. Ele testemunha-nos como o ser humano é alguém que é constitutivamente aberto ao Mistério de Deus. Com efeito, ao olhar para a sua vida, aquilo que podemos perceber é que a abertura e relação com Deus constitui a característica essencial da sua existência e da sua identidade.

Curioso e desafiante é, também, perceber, que essa abertura e relação com Deus não se esgota nem se reduz a um movimento de vaivém entre os dois, mas abre-se constitutivamente a todas as outras dimensões do viver de Jesus, ou seja, abre-se à relação com todos os seus contemporâneos.

A oração de Jesus é um dos momentos privilegiados onde podemos entender esta realidade. Nesses momentos, que mais do que meros momentos cronológicos são momentos de profunda verdade existencial, Jesus faz a experiência de ser mútua e total pertença com Deus. Aí, ele vai intuindo e fazendo a experiência que a sua relação com Deus é aquele eixo a partir do qual ele age e se entende, no fundo é o eixo a partir do qual ele é. Todo o seu viver e ser se fundamentam nesta relação. A oração permite-lhe ir tomando uma progressiva consciência desta realidade.

Mas simultaneamente, Jesus vai-nos revelando quem é Deus. Na verdade, ao anunciar o Reino de Deus, ao realizar os sinais desse mesmo Reino, Jesus vai-nos revelando quem é este Deus. E aquilo que podemos descobrir é que Deus quer verdadeiramente ser um Deus para nós, um Deus para todos nós (a proposta do Reino é uma proposta universal e inclusiva). Ele é verdadeiramente o Emmanuel.

A esta certeza podemos chegar através do entramado da vida de Jesus. O seu agir e o seu falar com Deus e de Deus, a sua proximidade e intimidade com Deus, o rosto que dele vai revelando, vão mexer com muita coisa na sociedade do seu tempo, A dada altura é obvio, para Jesus, que se não mudar de atitude o seu fim se aproxima e certamente será um fim violento.

Perante esta realidade, também é obvio para Jesus que mudar de atitude significa não ser fiel aquilo que ele sente e sabe ser. Em momento nenhum ele pode deixar de agir assim. É que ele age assim porque ele é assim e porque Deus é assim. Se come com os pecadores, se diz que Deus é Pai, se faz milagres, se inclui no projecto de Deus aqueles que pareciam estar excluídos, se revela este rosto de Deus é porque Deus é assim e porque a sua relação com Deus o leva a ser e agir assim.

Isto torna-se cada vez mais insustentável e a morte, como consequência, acaba por tornar-se uma evidência e uma certeza. Não é que Jesus opte pela morte, não! A sua opção é pela fidelidade à relação, à relação Abbatca a partir da qual ele verdadeiramente é.

Àquele que foi fiel durante a vida, toda a vida, mesmo no momento da morte, Deus Pai responde também com a fidelidade. É que a relação Abbatca, não tenhamos medo de o dizer, não é só constitutiva da identidade de Jesus, é também constitutiva da identidade do Pai. Também este não pode deixar de permanecer fiel, sob pena de deixar de ser.

A ressurreição é a concretização profunda desta realidade. Com ela a relação que é constitutiva de ambos permanece, mesmo no domínio da morte, ou seja no domínio da não relação (não nos esqueçamos que para os contemporâneos de Jesus a morte é a situação daqueles que já não se relacionam com os vivos nem com o Deus vivo), por isso vence a barreira final.

Agora já nada impede que o ser humano seja a partir de Deus e que Deus seja totalmente para o ser humano. A concretização desta comunhão plena sempre foi o grande objectivo de Deus. Foi para isso que ele nos criou, foi por isso que ele incarnou. Jesus Cristo é a concretização desta realidade. Nele o homem já não é sem Deus, mas Deus também já não é sem o homem. Nele o ser humano é elevado a sua verdadeira condição, ou seja alcança a sua verdadeira dimensão, mas nele, ainda que seja atrevimento não tenhamos medo de o dizer, Deus leva à plenitude o seu projecto, realizando até às últimas consequências o Mistério que é.

A ressurreição é esta realidade profunda que marca de uma maneira total e para sempre a história da humanidade e com isto estou a dizer que marca a história dos homens, mas também, digamos assim, a história de Deus.

Para terminar este ponto, e antes de procurarmos explicitar um pouco melhor a marca da ressurreição, digamos que a ressurreição não é uma mera conquista humana, mas digamos também que não acontece sem o fazer humano. Ou seja, trata-se sempre de um dom gratuito de Deus Pai, mas de um dom gratuito que não acontece contra o ser humano nem sem o ser humano. Não foi Jesus que se ressuscitou a si mesmo, a ressurreição aconteceu verdadeiramente como dom gratuito, mas no seio de uma relação.

Com isto não estou a ignorar o mistério da Encarnação. Jesus é verdadeiramente Deus Encarnado, mas Jesus é também verdadeiramente humano. Esta é uma tensão que jamais poderemos ultrapassar, mas, que no meu entender, temos que assumir. Sempre que a tentamos anular e ultrapassar acabamos por cair em becos sem saída.

Se Jesus faz este percurso porque é Deus e só Deus, então este percurso está vedado aos homens. Se faz este percurso porque é homem e só homem, então ele passa a ser uma mera conquista humana. Já o disse noutra lugar⁹ e repito-o aqui, a fé cristã proclama que em Jesus Cristo humanidade e divindade estão indissolúvelmente unidas, o que quer dizer que a divindade de Jesus Cristo se faz presente e se revela na sua humanidade histórica.

Ou seja, e para dizer ainda de um modo mais explícito, a humanidade de Jesus não é apenas um tempo e um espaço onde acontece e se manifesta a sua divindade (à maneira de um contentor que contem um conteúdo). O exercício da sua vida humana real é simultaneamente o exercício da sua condição divina. E neste viver concreto vemos como humanidade e divindade se vão entrecendo conjuntamente.

Em Jesus Cristo vemos verdadeiramente a concretização dos dois movimentos a que tenho feito alusão: A abertura do ser humano ao Mistério de Deus, como fazendo parte da sua condição, e digamo-lo também, a abertura do Mistério de Deus ao ser humano, como fazendo parte da sua maneira de ser.

Esta reflexão já nos conduz a terceira e última parte do nosso percurso.

⁹ Cf. *Identidade cristã e cidade dos homens. Notas para um diálogo*, in *didaskalia* XXXVII (2007) I, 316.

A Marca da Ressurreição. Interpelação ao Agir Humano

Chegados a este ponto, vamos agora fazer algumas reflexões à maneira de conclusões. Para isso socorro-me das três famosas perguntas introduzidas por Kant:

- O que posso saber?
- O que me é permitido esperar?
- O que tenho que fazer?

A estas acrescentarei uma quarta: O que posso celebrar? Pois a celebração é também uma dimensão fundamental da condição humana¹⁰.

Começemos pois:

O que posso saber?

Hoje sei, sem margens para dúvidas, (a partir da minha experiência crente) que alguém da nossa raça, um como nós, já está na plenitude, já vive a sua condição humana alargada até à sua máxima possibilidade, até à sua máxima dimensão.

Sei, por tanto, a minha fé diz-mo, que um ser humano concreto já partilha e vive a condição divina e que, por isso, a humanidade enquanto tal tem essa possibilidade. A humanidade hoje, depois da ressurreição de Jesus Cristo, faz parte da própria condição divina. Esse projecto, desde sempre querido por Deus, começa na criação, passa pela encarnação e é levado à plenitude na ressurreição. A humanidade foi plenamente assumida por Deus, de tal modo que faz parte da sua identidade, do seu Mistério.

Agora, aquela dimensão de abertura do ser humano ao Mistério do Transcendente (para nós cristãos Mistério Pessoal) e aquela abertura do divino ao humano, tiveram uma concretização em Jesus Cristo.

Isto leva-me a afirmar, juntamente com outros:

¹⁰ É a partir destas 4 perguntas que Jon SOBRINO vai desenvolver uma interessante reflexão acerca da ressurreição de Jesus e das vítimas. Apesar de me inspirar neste autor quanto à questão das perguntas, e de ter presente a sua reflexão, o percurso que vou fazer segue um caminho diferente do autor referido, cf. *La fe en Jesucristo. Ensayo desde las víctimas*, Editorial Trotta, Madrid 1999, 59-85.

“...que uma constatação da ressurreição como um simples facto que nada significaria para nós não seria uma verdade cristã. Mas também podemos dizer que uma afirmação da fé na ressurreição que não se fundamentasse na certeza de que essa ressurreição é um acontecimento verdadeiro, não seria uma verdade racional. São dois os extremos que devem ser evitados: a afirmação de ressurreição como um acontecimento histórico igual aos restantes acontecimentos históricos que nada têm de transhistóricos ; e a redução da fé na ressurreição a um puro subjectivismo alheio a toda historicidade.”¹¹

A ressurreição, permitiu a Jesus Cristo alcançar a condição escatológica e, em relação à humanidade representa a irrupção dessa mesma escatologia na nossa história¹².

O que me é permitido esperar?

Desde sempre a reflexão cristã tem afirmado que a ressurreição de Jesus Cristo deve ser entendida como primícias. Esta mesma realidade está bem presente na reflexão Paulina (cf 1 Cor 15, 20.23).

Este termo, tomado da linguagem cültica tem um significado interessante e bastante esclarecedor: A oferta da primeira parte da colheita significa a oferta de toda a colheita, a oferta do primogénito do rebanho significa a oferta de todo o rebanho.

S. Paulo vai, no entanto, inverter a utilização deste termo. Agora já não se trata mais de um dom do homem a Deus, mas sim do dom de Deus aos homens. Em Jesus Cristo Deus dá à humanidade o dom da ressurreição, ou seja o dom de se poder abrir à própria condição divina.

“Ao fazer esta inversão, o conceito de primícias enriquece-se com um novo matiz, que é o da tensão temporal ou dinâmica. A ressurreição de Jesus não só «representa» (ficticiamente) todas as ressurreições, mas precede-as, ou seja: abre o futuro enquanto futuro de vida, e não meramente enquanto simples tempo por chegar. O definitivo fez-se futuro e a utopia fez-se promessa. Por isso [...] Cristo ao ressuscitar faz-se «primogénito»: na terminologia antiga, o caracterís-

¹¹ José Luis MARTÍN DESCALZO, *Vida y misterio de Jesús de Nazaret*, Sígame, Salamanca 19903, 1181.

¹² Cf. Jacques DUPUIS, *Intruducción a la cristología*, Verbo Divino, Estella (Navarra) 1994, 91.

tico do primogénito é ser aquele que «abre o seio», a matriz do Absoluto desde a qual nasce o ressuscitado.”¹³

Aquilo que me é permitido esperar é ampliar a minha condição humana até à dimensão do próprio Deus, até à própria condição divina.

O que tenho que fazer?

Infelizmente, apesar de constantemente falarmos na ressurreição como acontecimento central e decisivo da nossa fé, o seu verdadeiro sentido para nós tem sido muito desvalorizado, pois com frequência se reduz o seu significado a algo que só aconteceu a Jesus ou a uma última demonstração, por parte de Deus das credências do seu mensageiro¹⁴.

Ora bem, “a significação de Cristo ficaria abstracta e inoperante se não puder ser traduzida em relação viva com ele, de modo que transforme a nossa própria existência e se amplie o horizonte da nossa história”¹⁵.

Na verdade, este acontecimento não pode ficar reduzido a uma pura memória histórica, de algo fantástico que aconteceu com uma pessoa, igualmente, fantástica. Ele tem que ser assumido e vivido a partir de uma dimensão de solidariedade ontológica, sob pena de deixar de ser uma realidade verdadeiramente cristã.

Trata-se de uma solidariedade ontológica de cada um de nós com Cristo, de Cristo com o humano e o divino, bem como do divino com o humano. Solidariedade que se manifesta, pois, aos mais variados níveis:

“Conjunção misteriosa e maravilhosa, que constitui a sua originalidade divina sem que apague a comunidade humana. De tal sorte que tudo o que nele se realiza, se realiza como em nós e também para nós. Jesus é primeiro «receptor» da revelação que logo nos entrega, e recebe-a como homem que se sente em comunhão filial com o Pai. Desde essa comunhão conquista o que para nós teria sido para sempre impossível, mas conquista-o na nossa carne para que nós possamos entrar pelo mesmo caminho «seguindo os seus passos» e vivendo do seu mesmo Espírito.

¹³ José I GONZÁLEZ FAUS, *La humanidad Nueva. Ensayo de cristología* = Presencia Teológica 16, Sal Terrae, Santander 19847, 154-155.

¹⁴ Cf, Jacques DUPUIS, *Introducción a la cristología*, 90.

¹⁵ Andrés TORRES QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, Editorial Verbo Divino Estella (Navarra) 19962, 291.

Desde Cristo abriram-se para a humanidade as últimas possibilidades de sentido e da realização histórica.¹⁶

Por tudo isto, cada um de nós é chamado a viver como ressuscitado e como ‘ressuscitador’.

Como ressuscitado, porque sabemos que a ressurreição de Jesus não é um acontecimento que diga unicamente respeito a ele, mas é antes uma realidade que afecta todos aqueles que o proclamam como salvador. Neste sentido, podemos mesmo afirmar que a ressurreição é esta realidade que afecta, já e no presente, a vida de todos nós. Ela não pode ser reduzida a um acontecimento reservado para o fim dos tempos, ou para o fim da vida de cada um. Mais do que acreditar simplesmente numa ressurreição final, somos chamados a viver como ressuscitados, ou seja já a partir da próprio Mistério de Deus. Foi isso que Jesus Cristo nos testemunhou.

Como ‘ressuscitador’, pois a ressurreição não diz só respeito a mim, mas diz igualmente respeito à promoção da justiça. Hoje, um dos grandes escândalos que tem de ser ultrapassado é o da injustiça, aos seus mais variados níveis e com seus múltiplos contornos e manifestações. A luta pela justiça deve constituir uma das atitudes fundamentais de quem se diz cristão. Com efeito, a injustiça, com todas as suas consequências de desigualdade, dependência, pobreza, marginalização e exclusão, é uma das realidades que mais pode ocultar o Mistério de Deus e o seu projecto para a humanidade.

Como falar de Deus, como acreditar nele, como perceber a marca da ressurreição na história, quando há situações de injustiça que reduzem o ser humano à condição de excedente e quando, muitas vezes, somos mesmos cúmplices dessas situações. Esta realidade deve exigir de nós formas de vida e opções concretas, capazes de denunciar a injustiça e de lutar contra ela, colaborando com todos os que o queiram fazer. A nossa fé no Deus que ressuscitou Jesus Cristo do poder da morte a isso nos obriga.¹⁷

¹⁶ *Ibidem*, 293.

¹⁷ Esta questão de viver como ressuscitados e ‘ressuscitadores’ foi de certo modo por mim abordada em *A justiça de Deus revelada em Jesus Cristo. Um olhar sobre o ‘percurso de Jesus’*, in *Communio* 5 (2000) 402-414.

O que posso celebrar?

Conscientes do dom que nos foi dado e da marca que ele produz na existência humana e em toda a história, não podemos calar a esperança e a certeza que deve impregnar o nosso viver.

Não se trata de ignorar, como já vimos, aquilo que não está bem e nos diminui, trata-se, isso sim, de deixar, que a nossa vida vá, cada vez, mais assumindo a dimensão a que verdadeiramente está chamada, que a nossa vida tenha realmente a marca da ressurreição.

Isso implica também a coragem de reconhecer que outros seres humanos façam outras opções:

“a fé na ressurreição não se apoia na negação de toda a racionalidade autónoma da vida. Precisamente porque se sabe plenitude, e plenitude gratuita, reconhece a legitimidade humana de essa outra «plenitude intermédia» daqueles que buscam um sentido meramente intramundano. Aquilo que a nós «uma vez que fomos iluminados (cf. Heb 4), pode parecer-nos irremediavelmente insuficiente, podemos respeitá-lo como uma opção digna e humana nos outros. Não é o desprezo pela vida intramundana o local onde melhor se valida a fé na ressurreição, mas o apreço que abre a outras dimensões.”¹⁸

A ressurreição deve, pois ser celebrada na totalidade da vida. Claro que há momentos onde isso deve ser feito de uma maneira explícita. A eucaristia é certamente um deles, bem como a oração e a celebração dos sacramentos. Mas também o é o agir concreto na linha da promoção da justiça. O compromisso pela promoção da dignidade humana (até à dimensão com que Deus a sonhou e criou) não pode ser simplesmente entendida como consequência da opção crente, mas deve, julgo eu, ser cada vez mais assumida, não só como exercício efectivo dessa mesma opção, mas também como elemento constitutivo e identificativo da mesma.

A história da salvação, que é a história da relação de Deus com o ser humano, diz-nos que Deus nos fez à sua imagem e semelhança e que, não tenhamos medo de o afirmar, ele se fez, também, à nossa imagem e seme-

¹⁸ Andrés TORRES QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, 172-173.

lhança, para que finalmente tivéssemos a oportunidade de viver a sua própria condição. Não é esta realidade que a ressurreição leva à sua plenitude? Não é esta a ‘marca’ da ressurreição que temos de testemunhar na nossa vida e com a qual nos temos de nos comprometer, se verdadeiramente nos quisermos assumir como cristãos?